

Collor assumirá compromisso de preservar salários

BRASÍLIA — O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, vai começar sua campanha do segundo turno, na próxima semana, apresentando um plano de combate à inflação que inclua a recomposição dos salários. "Ele quer que os sacrifícios recaiam sobre todo mundo, menos sobre os trabalhadores", disse a economista Zélia Cardoso de Melo, responsável pela elaboração do programa, que passou a tarde de ontem tratando do assunto com Collor. Ela informou que Collor pediu um detalhamento do plano de estabilização econômica que exclua os salários das medidas drásticas a serem tomadas. "Esta é a minha homework (lição de casa)", brincou Zélia.

Collor e sua assessora passaram a tarde na casa do empresário Pedro Paulo Leoni Ramos, no Lago Sul. Zélia vai pensar e discutir a determinação do candidato do PRN com seis economistas — cujos nomes não revelou — que a ajudaram a elaborar o plano econômico de governo.

Fiesp — Em São Paulo, o presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Mário Amato, divulgou nota para esclarecer que sua declaração de apoio a Fernando Collor foi feita em nome pessoal, não representando a posição dos empresários congregados na entidade.

Amato participou de reunião de mais três horas do Conselho de Orientação Política da Fiesp e não quis comentar o episódio, mostrando-se tenso e bastante preocupado com as repercussões de seu apoio a Collor. Segundo um empresário que participou do almoço que se seguiu à reunião no qual foi servido rocambolê de massa com molho vermelho — Amato "estava muito abalado com o erro estratégico de declarar o voto em Collor, porque vinculou a candidatura do PRN ao empresariado, exatamente como o PT está tentando fazer".

Com a fisionomia carregada, Amato saiu rapidamente do restaurante no 16º andar do edifício da Fiesp para o elevador. Ele não quis fazer declarações aos jornalistas. "Não me levem a mal. Compreendam, isso (a declaração de voto em Collor) já complicou muito a minha vida", disse ao justificar seu silêncio.

Maioria apóia — Outros importantes empresários que também participaram da reunião evitaram tornar públicas suas preferências na eleição do segundo turno. Abílio dos Santos Diniz, do Grupo Pão de Açúcar, criticou "o apoio a um ou outro candidato, sem que se conheça os programas", mas admitiu que "a maioria dos empresários apóia Collor, pelo que se conhece de suas propostas, de características social-democráticas". Voto declarado em Mário Covas, do PSDB, no primeiro turno, Diniz havia admitido no final do mês passado, durante almoço promovido pela Revista Balanço Anual, do Grupo Gazeta Mercantil, que votaria "como pessoa jurídica" no segundo turno, exercendo o voto útil.

Lideranças empresariais como Olavo Setúbal, do Banco Itaú; Roberto Konder Bornhausen, do Unibanco; e Edmundo Klotz, da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (Abia), procuraram evitar comentários sobre as repercussões negativas do apoio do presidente da Fiesp e de empresários a Collor. Segundo Bornhausen, o prejuízo ou benefício de tais apoios "apenas poderá ser analisado por cientistas políticos".

Erro — Outros participantes da reunião do Conselho Político da Fiesp, no entanto, foram mais pródigos em suas declarações. O ex-deputado federal Nelson Marchezan, do PDS, ainda uma importante liderança no Rio Grande do Sul, por exemplo, considerou "um erro claro", o apoio de Amato a Collor, classificando como "prejudicial" à campanha do PRN a manifestação de voto do líder empresarial.

"É claro que não interessa ao Collor a explicitação desse tipo de apoio. Essa é exatamente a estratégia do PT para o segundo turno: vincular o Collor ao empresariado, o que não corresponde à realidade, conforme demonstraram as urnas", afirmou Marchezan.

Rui Altenfelder Martins, diretor da Fiesp, defendeu Amato. Segundo ele, "como pessoa física", o presidente da entidade tem direito de declarar seu voto e isso apenas pode prejudicar determinado candidato se a opinião do dirigente for confundida com a da entidade que preside. "O candidato que rejeitar apoio de um empresário moderno, como é Mário Amato, estará cometendo um erro político muito grande", comentou Altenfelder.